



CARTA DO MÊS

Estigmatividade

ABRIL 2006 - N° 188

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

1. A vocação sacerdotal segundo São Gaspar Bertoni

I – O chamado de Deus ao sacerdócio

Pe. Gaspar tratando do fim do sacerdote, durante os Exercícios de 1810, diz: “O sacerdote foi criado” e apresenta como palavras criadoras os textos da Escritura: “*Não vós me escolhestes, mas eu vos escolhi*” (Jo 15,16); “*pela graça de Deus sou o que sou*” (1Cor 15,10). “*Se por graça, não por obras*” (cf. Rm 11,6). Por isso ele reflete: “*Criar é fazer do nada: nada de merecimento, nada de disposição nossa; porque a que temos é dom de Deus. Temos, talvez, muitos desmerecimentos: pecados, imperfeições*” (ms 2262).

Portanto “*a vocação é o efeito da eleição gratuita do Esposo*” (ms 4971).

Pe. Gaspar retorna sobre estes conceitos trazendo de novo outros textos: “*Ninguém pode atribuir a si mesmo esta honra, se não quem é chamado por Deus, como Aarão*” (Hb 5,4) (ms 3254). Os Apóstolos que deviam substituir Judas por outro Apóstolo, assim pediram ao Senhor: “*Tu, Senhor, mostra-nos aquele que designaste*” (At 1,24) (ms 3255).

Pe. Bertoni recorre a um trecho de S. Zenão para mostrar como é importante nesta matéria assegurar-se da exata vontade de Deus: “*Nada deve ser mais pedido da parte de Deus, que alguém conheça sua vontade, sem a qual não poderá legitimamente nem servi-Lo, nem agradá-Lo*” (Serm. 2 da Nat.) (ms 3256).

Deus cria o sacerdote e o faz ministro idôneo: “*Que nos tornou ministros adaptados a uma Nova Aliança*” (2Cor 3,6) (ms 3257).

Nesta doutrina Pe. Gaspar volta-se para S. Tomás, que defende o sentido estritamente bíblico do termo “*vocatio*” (vocação). Na Bíblia de fato, o chamado de Deus é sempre criador (Suppl. q. 36).

Mas se a vocação, na ordem da *intenção*, consiste em um decreto eterno da mente de Deus, na ordem da *execução* atua-se com a comunicação de dons da natureza, da graça, da virtude e dos merecimentos, que constituem uma certa idoneidade ao chamado, isto é a vocação em potência ou vocabilidade, uma certa disposição para receber a vocação formal, que é o apelo dos legítimos pastores da Igreja, isto é, daqueles que têm jurisdição em foro externo: o Papa e os Bispos.

II – Os sinais ou provas da vocação sacerdotal

Pe. Gaspar, desde os primeiros contatos com os clérigos do Seminário, afirma que se podem notar “facilmente os sinais se alguém é chamado ou não”, ou se possui vocabilidade. Ele diz que quando um jovem “*reconhece em primeiro lugar a honra gratuita de sua escolha e trabalha para conservar a inocência, ou então se limpa das manchas contraídas, e se apressa em enriquecer-se de merecimentos de boas obras: quem reúne aí o estudo da virtude e dele tira proveito, e também no estudo da santa oração retamente caminha e avança, quem faz tudo isto com obediência, com humildade, com constância, mostra ser chamado*” (ms 5000).

Não basta certamente, para tornar-se aptos a uma vocação tão sublime, “*uma perfeição de justiça comum*”, é necessário uma preparação mais próxima para atingir “*uma perfeição eclesiástica*”, que se obtém no “*diálogo e exemplo dos Santos vivos e defuntos, que a Igreja propõem aos seus filhos*” (ms 5007).

O que Pe. Gaspar exige para esta disposição próxima ao sacerdócio é um complexo tal de virtudes e de dons que se identifica com a santidade, isto é, com a obra que o Espírito Santo desenvolve diretamente quando inunda uma alma. Pe. Bertoni esclarece todas estas provas ou sinais produzidos pela visita do Espírito Santo nas suas meditações sobre o Cântico de Ana (1 Sm 2,1-10).

1. A primeira prova da visita ou consolação do Espírito Santo que se torna sinal da eleição ao sacerdócio é “*uma alegria de coração toda de Deus, em Deus e com Deus*”. É alegria que se prova pela conversão de todas as almas, também dos infiéis; é o coração que se dilata na oração para a extensão da divina glória; é a boca que se abre para propor nos colóquios com os outros estes elementos tão santos (ms 5033)¹.

2. Segunda prova: “*uma certa elevação, força, robustez de espírito, no qual sente-se a alma elevar-se quase acima de si, pela abundante infusão das virtudes, dos dons e das graças, que a transforma em Cristo, a aproxima e assemelha-a a Ele*”. O eleito sente um impulso “*de seguir Cristo mais de perto que os seculares fazem, isto é, no desprezo afetivo, e muito mais se efetivo, das honras, dos prazeres, das coisas*” (ms 5059). É um ponto sobre o qual voltaremos para desenvolvê-lo.

3. Terceira prova de vocação: “*uma grande ilustração e viveza de fé, também no meio e diante dos incrédulos*”, isto é, de um mundo hostil e ateu. “*E tudo isto – explica Pe. Gaspar – porque a fé, então muito viva, dando quase vida no presente àquilo que só se espera no futuro (“a fé é a substância das coisas que se esperam” (Hb 11,1) e quase colocando debaixo dos olhos as coisas invisíveis” (Hb 11,1), faz de modo que o objeto futuro de sua felicidade eterna, se transforme em objeto quase presente de gáudio e alegria; de gáudio inefável, inexplicável ao seu coração, que transborda ainda pela língua, também no meio e diante dos seus inimigos*” (ms 5071). A fé assim entendida é aquela iluminada por um dom especial do Espírito Santo, o dom

¹ As precisas palavras do Pe. Gaspar são: “Quando um jovem se alegra em Deus ou nas coisas pertencentes à sua glória, quando se alegra ouvindo conversões de pessoas, quando aberto seu coração na oração pede calorosamente a seu Deus para o aumento da sua glória na conversão dos infiéis e pecadores... ele reconhece em si nesta alegria uma grande prova do Espírito Santo, dada a ele por estar muito bem disposto à vocação eclesiástica” (ms 5053). É o texto que mostra como o Santo exigia nos candidatos ao sacerdócio a prova do seu espírito missionário.

do intelecto, que nos faz penetrar intimamente nas coisas divinas, e pelo qual, segundo S. João da Cruz, chega-se à união consumada com Deus.²

4. Quarta prova: *“Uma grande notícia e conhecimento de Cristo, com admiração e espanto de sua soberana excelência”*. Pe. Gaspar sentiu muito depressa o fascínio da divina pessoa de Jesus. *“Meu coração foi atraído no verdor dos anos, pela voz gentil de um casto Esposo”*³. Diz, pois, por experiência própria que é um sinal de vocação quando um jovem *“sente uma grande reverência à majestade de um Deus tão santo, e uma grande prontidão em servir a tal Patrão”* (ms 5072).

5. Quinta prova: *“Conhecimento altíssimo da divindade em Cristo e da sua intrínseca perfeição”*. O jovem eleito recebe o dom de *“conhecer bem praticamente que em Jesus Cristo como Deus e homem subsiste toda justiça (“Ut inveniar in illo...: a fim de que seja encontrado nele”* (Fl 3,9). Portanto surge *“uma perfeita desconfiança de si e uma feliz confiança em Deus, mesmo no meio dos inimigos da fé”* (ms 5080).

6. Sexta prova: *“Sentimento muito alto da onipotência divina, de onde nasce humildade profundíssima no confronto com Deus, e ao mesmo tempo uma heróica magnanimidade com Deus”*. *“Esta – conclui Pe. Gaspar – é uma prova que Deus queira elevar alguém muito alto na vocação eclesial quanto mais o aprofunda na humildade”* (ms 5084).

Não é pouco o que Pe. Gaspar exige nos candidatos ao sacerdócio para que seja reconhecida por sinais seguros a autenticidade da sua vocação. Deveriam ter presentes estes pontos não só os formadores dos nossos seminários, mas também os promotores vocacionais. O Santo, porém, vai além ainda, porque, por causa de circunstâncias particulares nas quais se encontrava o Seminário de Verona, nos candidatos ao sacerdócio se exigia naqueles momentos uma vocação de reformadores do ministério eclesial.

* * * * *

(continua...)

² *Cantico spirituale*, estrofe I, versículo I.

³ *Bertoni I*, p. 252.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MAIO 2006 - N° 189

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(continuação...)

III – Sinais especiais de vocação para tempos especiais

Um grave cataclisma havia literalmente subvertido, no início de 1800, as ordens das coisas, toda classe de pessoas, incluindo a casta sacerdotal. Para ser precisos, em Verona, só uma dezena de padres, segundo a afirmação de um contemporâneo, o Cón. Benedito Del Bene, se teriam deixado arrastar pelas novas idéias revolucionárias dos jacobinos democráticos, mas a infiltração das novidades dissolvedoras do reto viver se verificava sutilmente em um âmbito mais vasto do mesmo clero, e tinha havido uma explosão mais grave no Seminário, durante a sede vacante (1805-07), pela inaptidão do pró-reitor, certo Pe. José Velli.

Em 1811 estava-se ainda em plena tormenta, com o Papa prisioneiro de Napoleão, com cardeais divididos em vermelhos e pretos segundo a adesão mais ou menos ao tirano, e com alto e baixo clero enrolados com jansenismo, galicanismo e febronianismo. A vocação ao sacerdócio naqueles momentos exigia características particulares. Instrumento da manifestação deste chamado particular era, segundo Pe. Gaspar, o próprio Vigário de Cristo que, embora prisioneiro em Savona, permanecia a “*primeira pedra, fundamental, direita e firme*” de toda a Igreja (ms 5310). Voltado para o Sumo Pontífice, Pe. Gaspar apreendia, como proveniente do alto, um decreto de “*renovação do espírito divino nos sacerdotes*” (ms 5349), renovação que seria realizada nestas condições:

- “*por uma ampla profissão de fé, sem fraqueza ou temor;*
- *pela imitação da Paixão de Cristo, sem as comodidades da vida, desprezando a morte;*
- *com a união aos verdadeiros sacerdotes, para procurarem juntos a glória de Deus, e sem jamais isolar-se por amor próprio ou por amor aos parentes carnis;*
- *e com desejo do céu, não mais com os rendimentos da terra ou as honras do mundo*” (ms 5373).
- Tudo se realizaria com uma mais estreita imitação de Cristo, segundo o espírito apostólico.

- “*Se alguém quer me servir, siga-me*” (Jo 12,20), imitando-me no modo de viver (ms 5349).

Aqui se percebeba um esboço – explica Pe. Gaspar – do que se passou em Cristo e nos Apóstolos: seguindo-o até a morte. “*Quem não odeia sua vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14,20) (ms 5350).

IV – Modos como Deus chama

Dos sinais ou atitudes que tornam um indivíduo “chamável”, Pe. Gaspar passa a considerar os vários modos com que de fato o Senhor chama os seus eleitos. Transcrevendo o sumo de algumas meditações do Dal Ponte, ele salientou: “*Diverso o modo como Cristo chamou seus Apóstolos: alguns os dispôs, pouco a pouco, a segui-Lo; outros os chamou logo de uma vez*” (ms 8793). Desenvolvendo esta matéria aos clérigos do Seminário em 1811, ele adotou o ensinamento de S. Inácio sobre os “três tempos ou modos de escolha” (175-177).

“O primeiro modo é quando a divina virtude move de tal forma nossa vontade, que tira toda dúvida, e até mesmo o poder de duvidar, como a S. Paulo (At 9,1ss) e S. Mateus (Mt 9,9). Este tempo, ou modo, é não somente sobrenatural, mas muito extraordinário (ms 5394).

O segundo é quando se torna muito claro e manifesto o divino beneplácito por meio de prévia experiência de alguma consolação ou desolação, ou prova de espíritos diversos. Este é sobrenatural embora seja muito ordinário.

O terceiro é quando, por tranqüilidade de razão, considerado pelo homem o seu fim para o qual foi criado (para a glória de Deus e própria salvação) se faz sobressair e se conhece este estado, ou ainda um tal modo particular deste estado (dentro, porém, dos limites da Igreja católica) como um meio muito mais cômodo e seguro pelo qual ele possa tender direto ao seu fim” (ms 5395).

Pe. Gaspar encontra o terceiro tempo ou modo de escolha, “*por meio do reto discernimento da razão tranqüila*”, muito simples, porque “*servindo um jovem ao Senhor, e satisfazendo a todas as disciplinas eclesiásticas, sentindo-se com ânimo e força para fazê-lo, exigindo isto grande fadiga, para conter-se na castidade, e para sustentar o peso do ministério e grandes renúncias (...) e grandes perigos, de perder também a liberdade e a vida: quem não vê com razão serem estes os dispositivos necessários para fabricar a torre?*” (ms 5398).

O segundo tempo ou modo de chamado verifica-se de modo sobrenatural, mas comum, para quem está habituado na meditação a ter o espírito “*atento às luzes de Deus*” (ms 5407). Para garantir-se, porém, que a voz que chama ao sacerdócio seja genuína é preciso humildemente submeter as próprias luzes ao juízo dos superiores (ms 5429), depois rezar “*porque a nossa razão ou de outros, mesmo iluminada, não dá a vocação, mas Deus*” (ms 5432).

O primeiro tempo ou modo de chamado é sobrenatural e de certo modo também extraordinário, isto é, enquanto não existem preparações precedentes como em S. Mateus e S. Paulo e muito poucos outros. Mas todos aqueles que, por meio dos vários graus de amor, “*são finalmente chegados àquela pureza e paz de espírito a quem é prometido a comunicação muito íntima e familiar com a fonte de toda a luz, e de todo bem, e de todo gáudio*” (ms 5474), a estes – observa Pe. Gaspar – *já não parece extraordinário, mas muito familiar, ou ao menos*

frequente, este primeiro modo de manifestação, no qual não encontrando obstáculos e intromissões, por si imediatamente a virtude divina move de tal forma suas vontades, que afasta da alma toda dúvida, e até o poder de duvidar” (ms 5475).

Estamos em plena mística, à qual Pe. Gaspar não só não se mostra estranho pessoalmente, mas julga que não se devem manter-se estranhos os clérigos aos quais se dirige, porque este tempo especial de vocação *“parece muito conveniente, ao menos segundo o olhar gracioso do nosso grande Deus, se nós nos dispuséssemos com a divina graça, e não colocássemos obstáculos”* (ms 5475). E para justificar-se por tratar de coisas tão sublimes ele coloca em campo o chamado geral para a união imediata com Deus, que se encontra no vértice da contemplação mística.

“Porque não está de acordo de modo algum – diz – a um cristão certamente chamado a ver e a possuir sua feliz essência no Paraíso, a aspirar humildemente e sem presunção também nesta vida a dons melhores e essenciais de graça e caridade, que precedem segundo a ordem mais costumeira da divina Providência e acompanham este tempo” (ms 5469).

Mas se qualquer cristão pode aspirar aos mais altos graus de união com Deus, tanto mais esta aspiração é justificada em quem é escolhido por Deus para agir como seu ministro e maximamente com especial vocação é chamado a renovar a Igreja (ms 5470).

“Não podemos pensar o que Deus faria em nós, e quanto agiria em nós e por nós, que somos as pupilas de seus olhos, se não criássemos obstáculos à sua graça, mas nos colocássemos livre e totalmente em suas mãos” (ms 5480).

* * * * *

(continua...)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JUNHO 2006 - N° 190

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css
(continuação...)

V. O chamado da Igreja e a prudência de São Gaspar em julgar as vocações

O Concílio Vaticano II no decreto “sobre o ministério e vida sacerdotal”, embora exortando os jovens a estarem “prontos para responder com generosidade o chamado do Senhor”, adverte: “Mas cuide-se para que esta voz do Senhor que chama não seja realmente atendida como se devesse chegar ao ouvido do futuro Presbítero de algum modo extraordinário. Esta será mais reconhecida e examinada através dos sinais dos quais se serve todo dia o Senhor para fazer compreender sua vontade aos cristãos prudentes”; e acrescenta: “e aos Presbíteros cabe estudar atentamente estes sinais”⁴.

Paulo VI em uma alocução que precedeu poucos meses a publicação deste decreto, e foi também citada no mesmo decreto (nota 66), dizia: “A voz de Deus que chama exprime-se de dois modos diversos, maravilhosos e convergentes: um interior (...) e um exterior, humano, sensível, social, jurídico, concreto, o do ministro qualificado da Palavra de Deus, o do Apóstolo, o da Hierarquia”.

Se a vocação consiste no chamado do Bispo, aos sacerdotes compete por participação ao magistério, à jurisdição e à ordem, não só definir de modo oficial os que são aptos ao sacerdócio, mas também de chamá-los, segundo as necessidades da Igreja, e apresentar à ordenação do Bispo os que julgam idôneos. Têm, isto é, a obrigação de fazer sentir a certos indivíduos que o chamado se lhes impõe, por assim dizer, uma vez que os outros estados de vida podem ser fruto de uma vontade e um esforço pessoal, o sacerdócio é formalmente fruto da vontade da Igreja, da vontade do Bispo.

Pe. Gaspar, jovem de dezoito anos, esperou justamente esta intervenção do Sacerdote, do seu Pároco, que lhe disse: “E o que espera, para que muito logo não coloque em ação a vontade do Senhor, dando seu nome à milícia de Cristo?”⁵ Foram estas as palavras que constituíram para o nosso Santo o chamado ao sacerdócio.

D. Liruti que, na sua Relação de 27 de novembro de 1822 à Santa Sé, apresentava Pe. Gaspar como douto nas ciências e venerando pela piedade, acrescentava: “Este e um outro

⁴ *Presbyterorum ordinis*, n. 11.

⁵ *Summ. add.* p. 295.

semelhante a ele constituiu juizes das vocações dos clérigos que aspiram ao subdiaconato”⁶. Ofício que lhe foi confirmado por D. Grasser e D. Mutti.

Embora Pe. Gaspar fosse extremamente discreto em relação a vocações, escrevia: “*Em matéria de vocação, ao invés de forçar, é bom deixar o cuidado para Deus*” (17.08.1808), está a realidade que de suas escolas em 23 anos saíram 70 sacerdotes.

Ao examinar as vocações, à parte o intuito sobrenatural que ele tinha nas almas, como experimentou quando jovem o seu primeiro biógrafo, atingia a segurança das decisões que ele por determinados sinais declarava presente o divino chamado. O solerte arquivista da Cúria episcopal, Pe. Antônio Fasani, descobriu oito juízos sobre vocações formulados pelo Santo entre 1831 e 1832, aos quais se juntam muitos outros descobertos pelo subscrito.

Pe. Gaspar pensa que um indivíduo “*por bom engenho, castos costumes, fervorosa piedade, apresenta não duvidosos sinais do divino chamado*” (Angeli Aloysius); ou então de um outro indivíduo julga que “*a castidade e pudicícia dos costumes, o engenho dócil e suficientemente cultivado nas letras, o piedoso e firme desejo de abraçar a vida clerical, o apresentam jovem digno da sagrada veste*” (Segala Dominicus). Mas existe também o caso de quem deverá ser examinado uma segunda e também uma terceira vez.

“*Examinei profundamente o jovem Robusto Santi, e me parece ter conjunturas prováveis e fundamentadas sobre sua vocação, de modo que pode ser vestido do hábito clerical; mas porque parece também haver necessidade de um pouco de tempo para torná-las certas e completar a prova, assim declarei ao postulante a necessidade de voltar aos exames da sua vocação antes de ser promovido às Ordens Menores e receber a Tonsura, o que ele disse prontamente aceitar. Peço a V. S. (o Reitor) de assegurar ao senhor Bispo que ele pode, pois dar autorização para sua vestição com segurança da sua consciência*” (29.01.1832)⁷.

Naturalmente uma coisa é reconhecer a verdadeira vocação, outra o perseverar. A vocação segue escrupulosamente guardada. O Santo dizia:

“*A graça da vocação é singularíssima. “A sorte pelo Senhor” (Lv 16,9). “Ninguém pode atribuir a si mesmo esta honra, se não quem é chamado” (Hb 5,4). É uma série imensa de graças: “O Senhor é meu pastor, nada me falta”, e até que “em verdes prados ele me faz repousar” (Sl 22,1s), aí se estabeleça no Céu. Esta série pode interromper-se; e para interrompê-la é preciso muito? Basta começar a não corresponder: aquela cadeia, aquele ligamento, aquela série de graças, em uma alma que não corresponde rompe-se subitamente. Então o que acontece? Acontece que as coisas da vocação aborrecem, enjoam, pesam (como para muitos); e com o correr do tempo ou não se fazem, ou se cansam (como fazem tantos). Tremam: perde-se a própria vocação (como tantos padres em nossos dias)*” (ms 4445).

* * * * *

(continua...)

⁶ *Summ. add.* p. 86.

⁷ *Bertoni* 5, p. 296; v. também as páginas 317-318 e *Bertoni* 4, p. 538.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JULHO 2006 – N° 191

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(continuação...)

2. Desapego do sacerdote do mundo e dos bens materiais

I – O ensinamento do Santo

Do conceito de criação-eleição do sacerdote, Pe. Gaspar passa imediatamente ao da distinção ou separação do mundo. “*Eu vos escolhi do mundo*” (Jo 15,19).

“*Este mesmo nos haver distinguido do mundo – ele comenta – importa que não sejamos mais do mundo. Não sois do mundo (Jo 15,19). Eis a primeira parte do fim da minha vocação (...) é preciso que sejamos ‘separados’ do mundo, ‘destacados’ do mundo, ‘crucificados’ para o mundo, ‘mortos’ para o mundo*” (ms 4445).

São as quatro condições que o Bourdaloue exigia para que o religioso pudesse atingir o seu fim⁸, mas que Pe. Gaspar não hesita em propor como indispensáveis para um sacerdote diocesano. Ele assim visa fazer reflorir no clero secular o espírito dos conselhos evangélicos professados até alguns meses antes por aquelas Ordens religiosas que os decretos napoleônicos quiseram varrer no mês de julho de 1810.

Pe. Gaspar chegava assim a enunciar uma doutrina, retomada agora pelo Concílio Vaticano II de modo muito explícito, sobre a perfeição e santidade exigida no sacerdote como requisito indispensável do seu estado⁹.

“*Esta separação, desapego, crucifixão, morte espiritual, são de uma santidade muito elevada: mas, porém, – prosseguia Pe. Gaspar – tenho a honra e ao mesmo tempo o dever de falar-lhes, devendo propor-lhes a verdade mais pura, que não é senão a primeira parte da nossa vocação, que temos nisto, de algum modo, comum com os Religiosos*” (ms 2271).

Também o monge é chamado a esta santidade: igualmente o sacerdote. Com esta diferença porém, que o monge satisfaz sua vocação com o aspirar, com o tender àquela

⁸ Cf. *Ritiramento spirituale ad uso delle comunità religiose*, junto a Nicola Pezzana, em Veneza, 1742, p. 28.

⁹ *Presbyterorum ordinis*, n. 12.

santidade: o sacerdote não a satisfaz senão sendo verdadeiramente perfeito e santo. Um está a caminho: o outro está em um estado de perfeição. (...)

A citada doutrina é indiscutível porque é do Angélico (2.2, q. 184, a.8). Suposta esta doutrina, a minha perfeição e o meu empenho e a minha salvação neste estado são duas coisas que não podem ser separadas.

A perfeição que Jesus Cristo propôs aos cristãos do século como um conselho, é portanto para mim um mandamento. “Purificai-vos, vos que levais os vasos do Senhor” (Is 52,11). “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 11,44). Eu era livre de ser padre ou não; mas desde que sou, não me é mais livre renunciar a obrigação que tenho de ser perfeito” (ms 2273).

Pe. Gaspar inculcava nos sacerdotes a obrigação particular de viver no espírito dos conselhos evangélicos sobre a renúncia e o desapego dos bens terrenos, como agora reforça o Concílio Vaticano II ¹⁰.

O fundamento de todo seu ensinamento a respeito, o nosso Santo o condensa nestas poucas palavras:

“A perfeição consiste principalmente no desinteresse e na humildade. Porque ‘a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro’ (1Tm 6,10) e o ‘princípio de todos os males é a soberba’ (Ecl 10,15). Assim a pobreza de espírito, o desinteresse, corta a raiz de todos os vícios, e induzindo à humildade introduz todas as virtudes, nas quais consiste a perfeição, como provamos difusamente nos Exercícios” (ms 4929).

É o sentido pleno da felicidade da pobreza, que abraça não só o desapego dos bens econômicos, mas a renúncia a todos os outros bens terrenos: o próprio nome, o sucesso, a afirmação da pessoa. É a ‘kénosis’, ou seja, a condição de despojamento completo escolhido por Cristo, que “aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e, assemelhando-se aos homens, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,7-8).

Aos sacerdotes Pe. Gaspar dizia: “Tudo o que há sobre a terra e não tem relação senão com a terra, qualquer parte que eu possa ter, deve-me ser indiferente, ou melhor, nada deve ser para mim” (ms 2643).

E advertia: “É preciso chegar a entender que o grande laço são os bens, aos quais ficam emaranhados singularmente tantos eclesiásticos. Laço sutilíssimo, que apenas se deixa discernir o interesse em um sacerdote. Feliz quem pode desatar este laço” (ms 2514).

* * * * *

(continua...)

¹⁰ *Presbyterorum ordinis*, nn. 15-17.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

AGOSTO 2006 - N° 192

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(continuação...)

II – O exemplo do Santo

É muito significativo, a propósito, um episódio de Pe. Gaspar adolescente, a única anedota recolhida dos seus próprios lábios. Trata-se de uma confidência feita ao Pe. Marani, e que chegou até nós pelos escritos do Pe. Lenotti.

“Seus pais [Pe. Gaspar], quando ainda adolescente, encomendaram um terno novo para ele, adequado a seu estado civil, tanto na qualidade como no talhe. Ele sentindo-se (como ingenuamente um dia se abriu com Pe. Marani, ao qual contou este fato em 1810) cada vez mais movido pelo Espírito de Deus a desaparecer seu coração totalmente das coisas criadas, e entregar-se com todo seu afeto ao seu Deus, sem que os pais o soubessem, foi até o alfaiate, e ordenou-lhe que o fizesse não segundo o costume de então, mas sim com um feitio modesto e, direi, fora de moda”.

“Depois dessa história Pe. Gaspar confidenciou a Pe. Marani, temas relativos ao desprezo e aborrecimento do mundo, demonstrando seu total desapego de qualquer pessoa ou de qualquer coisa, ainda que pequena, desta terra; igualmente segredou questões sobre Deus, assemelhando-se a um Serafim”¹¹.

Desde jovem Pe. Bertoni sentiu brotar em si o espírito de contestador, andando contra a corrente do mundo, representado na moda usual de se vestir. Sentiu, de modo sensível, o convite para o desapego a partir da experiência extraordinária que enriqueceu seu primeiro encontro com Jesus Eucarístico. Um paraninfo gentil, isto é, o santo modelo da sua juventude, Luiz Gonzaga, que lhe sugeriu:

*“Se tu procuras vê-Lo, o procuras em vão se antes não o amas:
E isto te lembra que Ele fala ao coração suavemente e devagar.
Aguça o ouvido, pois; e se te ensurdece o rumor das pessoas,
Sai, abandona a pátria, a casa e esquece teu povo”¹².*

¹¹ Proc. Apel. de Bertoni., cópia pública, vol.II, f. 612.

¹² Bertoni I, p. 255.

A separação do próprio pai, que lhe era hostil, aconteceu quando tinha 33 anos e de um modo bastante dramático. Seu amigo Pe. Marcos Marchi conta: “Assistimos juntos a morte da sua mãe (1810): depois, ao abandonar a casa paterna, fez como um outro S. Francisco de Assis, dizendo a Deus: Pai nosso que estais no céu”¹³.

O pai, senhor Francisco, foi-lhe sempre motivo de aflição pelo caráter excêntrico e pela incapacidade de administrar os bens da família. Pelo efeito da desastrada administração a escassez econômica não tardou a aparecer na família. Pe. Gaspar, porém, não se alarmava, chegando a escrever, aos 22 de outubro de 1808, com um espírito de perfeito desapego:

“Alegria com agradecimento, nas adversidades e nas conseqüências da pobreza real, com agradecimento ao Senhor, e oferta para coisas maiores de opróbrios e penas, se me fossem acrescentadas. Esta disposição é o melhor dom, do qual me reputo completamente indigno. Deus seja sempre louvado. Desejo de imitar Cristo na pobreza e nas angústias da pobreza”.

No mês anterior, exatamente aos 25 de setembro, tinha sentido um “forte impulso de seguir de perto Nosso Senhor a custo da vida pela pobreza e ignomínia”, e aos 27 de setembro em uma visita ao Santíssimo Sacramento havia experimentado:

“Sentimento do grande amor da Santíssima Trindade em dar-nos o Filho, e grande ternura para com Ela juntamente com fé muito viva e grande desejo de união e de união às penas e ignomínias: com pedido da graça de sofrer e ser desprezado por Ele”.

A propósito do texto de S. Lucas: “Quem de vós não renunciar a todos os seus bens, não pode ser meu discípulo” (15,33), Pe. Gaspar explicava como Santo Tomás:

“Seguir Cristo é o fim; o meio, a renúncia a tudo. Seguir Cristo é a torre a ser edificada; despesa e material, a renúncia (2.2, q. 189, a. 10 ad 3)” (ms 2529).

S. Gaspar, que já estava se preparando para a fundação de um Instituto Religioso, abraçava plenamente a lógica do Evangelho:

“Para começar um empreendimento é necessário que se tenha alcançado grande e heróica virtude. O capital necessário são a pobreza e, depois, as outras virtudes” (23.07.1809). E ainda: *“É preciso preparar-se para uma grande guerra com o inferno:*

1º requer-se muita humildade para atrair os auxílios do Céu (...);

2º desapego de todas as coisas para que o demônio não tenha por onde nos agarrar” (24.07.1809).

* * * * *

(continua...)

¹³ Summ. add., p. 118.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

SETEMBRO 2006 - N° 193

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(continuação...)

III – A gratuidade dos ministérios e a recusa de toda oferta espontânea

A obra dos “Estigmas”, iniciada por Pe. Gaspar em 1816, foi caracterizada pela vida de grande pobreza nos seus membros, e pelo exercício absolutamente gratuito do ministério, chegando à recusa também de ofertas espontâneas.

Para a restauração da igreja, onde o Santo também cooperou como servente empurrando a carruagem, não foi aceita nenhuma contribuição econômica dos fiéis. Uma bolsa de ouro, deixada furtivamente sobre o altar pelo rico oratoriano João Trevisani, foi devolvida intacta para a casa do reconhecido benfeitor.

Na igreja, reaberta ao público em 1822, foram proibidos cofres para ofertas, e jamais se passou a sacola entre os fiéis para pedir esmolas. Aceitava-se somente a oferta manual de Missas, não, porém, de Missas perpétuas ou as ditas capelanias. Permaneciam gratuitos todos os honorários dos sacerdotes: não só da escola de caridade, mas também do ensino no seminário, das pregações e administrações de sacramentos nas diversas paróquias.

Mas o que, realmente, visava o santo Bertoni? Certamente, não queria impedir a expansão de sua obra, quando excluía todo sustento econômico. Ele sustentava sua comunidade com o rendimento das poucas terras que herdara da tia Paula, ao qual se juntaram outros adquiridos, com a cooperação de um oculto benfeitor ou fundador, para a manutenção, sempre em pobreza, de uns trinta religiosos. Quanto ao ministério, era sua intenção mostrar, na integridade evangélica, a missão sacerdotal, sem nenhuma ligação com bens materiais. “Recebestes de graça, de graça dai” (Mt 10,8).

Muito freqüentemente a Igreja era criticada pelo interesse egoísta dos padres. O protestante Sören Kierkegaard havia repetidamente expressado seu desdém pela Igreja Estabelecida, especialmente a da Dinamarca, que não procurava senão o próprio interesse com

despesas do Estado¹⁴. Se tivesse tido alguma informação sobre seu contemporâneo de Verona, São Gaspar Bertoni, quanto teria aumentado sua admiração pelo Catolicismo!

Tornaram-se célebres as recusas de ofertas ou de legados que Pe. Gaspar e seus filhos, muitas vezes, fizeram constantemente pela opção de vida. Teresa Gamba, ex-eremita de S. Agostinho, superiora do Mosteiro de S. João Evangelista em Beverara, antes das supressões napoleônicas, em 1823, ofereceu a Pe. Gaspar algumas alfaias.

Pe. Gaspar lhe respondeu: “Reverendíssima Madre, recebi sua carta no momento em que estou para pregar e a agradeço muito. Guardarei sempre vivo no coração o grande reconhecimento que a senhora demonstra por mim, empenhando-se para que eu receba suas ofertas; mas sendo isto contra os nossos expressos acordos, desculpar-me-á se não os posso receber”.

Pe. Gaspar havia colaborado com as santas intenções desta ex-monja e suas companheiras, mas sem nenhuma recompensa material; estes os acordos estabelecidos. A ex-monja, porém, insistia explicando a Pe. Gaspar que não se tratava de presente, nem de oferta, mas de “algumas sobras” do seu antigo Convento. Quanto a seus próprios bens patrimoniais declarava expressamente: “Na minha morte ficará disposto o que em vida o senhor recusa” (06.03.1823). Pe. Gaspar respondeu claramente: “As minhas máximas constantes me impedem de aceitar os presentes pela segunda vez oferecidos a mim por Vossa Senhoria, e me obrigam também a recusá-los depois da morte. (...) Na morte disporá segundo o conselho prudente de quem deverá fazer seu testamento, não, porém, a meu favor nem dos Estigmas, porque nem aceito eu, e farei com que nem meus companheiros aceitem, aos quais, sobretudo, me importa que estas máximas sejam bem recomendadas, sabendo eu muito bem que importam muito à honra de Deus nestas circunstâncias” (março de 1823)¹⁵.

As máximas constantes de Pe. Gaspar tornaram-se também as mesmas de seus filhos. Seus nomes, de fato, aparecem, a 3 de maio de 1845, listados ao fim de uma declaração de renúncia de polpudo legado da condessa Francisca Borghetti, viúva Cartolari. Eles declaravam: “Os Padres dos Estigmas (...), como (...) por muitos anos até agora, têm servido à Igreja e à Pátria gratuitamente, segundo suas forças, sem pedir, nem aceitar benefícios, pensões, piedosos legados, nem outros encargos de Missas perpétuas ou capelarias. Desta forma, não pretendem mudar o costume, bastando para eles a satisfação expressa pelos Bispos e por seus concidadãos, bem como a complacência expressa por suas Majestades, os nossos amabilíssimos Soberanos, Francisco de gloriosa memória e o reinante atual, Fernando”¹⁶, ambos tendo já visitado os Estigmas.

¹⁴ O filósofo dinamarquês escreve: “O Catolicismo propõe justamente que conviria ao clero pertencer o menos possível a este mundo. Por isso favoreceu o celibato, a pobreza, a ascese, etc.: ... Nós, protestantes temos um clero completamente mundano: funcionários, pessoas de classe, homens com mulheres e crianças, escravos e todas as tolices da temporalidade” (*Diário*, aos cuidados de Cornélio Fabro, Morceliana, vol. 11, p. 99). E mais adiante, a propósito dos honorários para a pregação dos pastores, observa: “Não há nada que mais enfraqueça a impressão da empatia (*phatos*) moral, que o fato de tirar dinheiro de outrem” (Ib., p. 133).

¹⁵ Bertoni 4, pp. 322-325.

¹⁶ Bertoni 6, p. 301.

No ano seguinte Pe. Gaspar e outros companheiros renunciavam à vultosa herança do confrade Pe. Francisco Cartolari. Ao escrever a Pe. Bragato, que estava na corte de Viena, o Pai dizia que o Senhor tinha dado a eles a graça de botar fora de casa “o lixo do Pe. Cartolari, e conservar a herança de suas virtudes”¹⁷. Este episódio causou admiração também na imprensa local e na de outras cidades como exemplo singular de honra para o sacerdócio.

O verdadeiro espírito de desapego e de santo abandono sobre os quais queria fundada sua obra, Pe. Gaspar o expressou ao Papa Gregório XVI aos 09 de agosto de 1838, com uma carta que fez o Pontífice chorar de comoção¹⁸.

O ensino do Concílio Vaticano II que considera a “pobreza voluntária” dos sacerdotes um meio pelo qual podem conformar-se com Cristo e os Apóstolos¹⁹, é confirmado pela prática constante dos Santos Sacerdotes de todos os tempos, dos quais o nosso Gaspar Bertoni não é o último.

Para concluir este parágrafo queremos mostrar como fosse acolhido o espírito de desapego dos filhos de Pe. Gaspar, que se prontificavam gratuitamente às pregações de missões. Citamos a missão de Caravaggio, no final de 1855 e início de 1856. Foi uma movimentação estrondosa pela participação e comoção. Calcularam-se quarenta sacerdotes para as confissões. Pe. Lenotti escreve: “Deve-se notar que o Pároco, os Sacerdotes, os Fabriqueiros, não sabendo como nos mostrar seu reconhecimento (uma vez que o trabalho dos estigmatinos devia ser gratuito) queriam presentear-nos com uma riquíssima casula; os jovens nos haviam preparado um belo véu umeral. Padre Marani, o Superior, não quis aceitar nada. Antes, com muita prudência e imperiosas razões recusou os objetos, venceu a insistência e edificou a todos pelo princípio tão firme do nosso Instituto de fazer todas as coisas omnino gratis”²⁰.

(continua)

¹⁷ Bertoni 6, pp. 345-348.

¹⁸ Bertoni 5, pp. 560-561.

¹⁹ Presbyt. ord., n. 17.

²⁰ Crônica Lenotti (1855-1871) no Arq. Hist. Bertoniano, Série I, N. 1, Verona 1991, pp. 23-25. D. José Sarto, quando era Bispo de Mântua, mostrou-se contrário a esta absoluta gratuidade do ministério e obrigou Pe. Pio Gurisatti, que havia pregado em março de 1890 um curso de exercícios no seminário a aceitar uma considerável oferta (Crônica Tommasi V, no Arq. Hist. Bertoniano, Série I, N. 9, Verona 1994, p. 137). Em seguida a S. Sé, ao aprovar as Constituições do Instituto, impôs que não se recusasse o que fosse espontaneamente oferecido pelo ministério prestado.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

OUTUBRO 2006 - N° 194

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css
(continuação...)

3. Evangelizador

Para o Concílio Vaticano II o sacerdote é, sobretudo, o mensageiro de Deus²¹. A idéia da evangelização é o ponto básico ao qual o decreto se refere para explicar o ofício sacerdotal. O Santo Padre Paulo VI na exortação apostólica de 08 de dezembro de 1975 sobre a evangelização no mundo contemporâneo, depois de haver falado da missão do Papa e dos Bispos, continua: “Aos Bispos são associados no ministério da Evangelização, como responsáveis com título especial, os que mediante a ordenação sacerdotal, ‘agem na pessoa de Cristo’²², enquanto educadores do Povo de Deus na fé, na pregação, tornando-se ao mesmo tempo ministros da Eucaristia e dos outros Sacramentos”²³.

É uma consideração que os Estigmatinos devem tomar com particular atenção, como “missionários apostólicos em auxílio aos Bispos” (CF 1), sempre “dispostos a ir a qualquer lugar” (CF 5).

O chamado é evidente em Mt 28,19-20: “Ide, pois, ensinai a todas as nações, batizando-as... ensinando-as”. Este Mandamento é dado por Jesus ressuscitado elevado ao clímax de seus poderes. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mt 28,18). É esta, segundo Trilling, a chave da leitura do Evangelho de Mateus, orientado para apresentar a Igreja como a continuação do Cristo, provida dos mesmos poderes²⁴.

São Marcos, antes da Missão, sublinha o chamado. Jesus ‘chamou a si os que Ele quis’ (Mc 3,13). ‘Designou doze entre eles para que fossem com Ele e para mandá-los a pregar’ (v. 14).

Jesus exige que estejam com ele para mandá-los a pregar, com o poder de expulsar os demônios. Portanto o sacerdote é separado para ser enviado. A idéia de Missão é a que caracteriza o sacerdócio cristão²⁵. Os sacerdotes são mandados para difundir a mensagem de

²¹ *Presbyterorum ordinis.*, n. 4.

²² *Lumen gentium*, n° 10, 37.

²³ *Evangelii nuntiandi*, n. 68.

²⁴ Wolfgang Trilling, *Il vero Israele. Studi sulla teologia del Vangelo di Matteo*, traduzido por Enzo Gatti, PIEMME 1992.

²⁵ Cf. J. Ratzinger, *Prete per il Vangelo*, in *Quaderni di spiritualità*, 1974, n. 33, p. 510.

Cristo cujo cerne está contido nestas palavras: “*O Reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no Evangelho*” (Mc 1,15).

Pe. Gaspar desde 1802 pregava aos fiéis da sua paróquia natal:

“*Cada um se considere como operário de Cristo e administrador dos mistérios de Deus*” (1Cor 4,1). “*O povo cristão, no momento em que vê um sacerdote deveria pensar: eis um ministro de Cristo (...), eis um embaixador do supremo Monarca (...). Os sacerdotes desempenham o ministério de embaixadores, em nome de Cristo, como se o próprio Deus mesmo falasse por intermédio deles*” (2Cor 5,20) (ms 676).

“*Se o sacerdote deve ser essencialmente o missionário da boa nova, isto influencia de modo determinante sobre a vida presbiteral e o modelo de formação sacerdotal. O padre deve ser um homem que vive da palavra, que está embebido dela, que com ela tem familiaridade. Ele deve encontrar concretamente na palavra a razão central de sua existência*”²⁶.

Pe. Divo Barsotti encontrou tudo isto em Pe. Gaspar. E escreve:

“*Difícilmente se encontra nos escritores espirituais, ao menos nos últimos séculos, uma dependência da Sagrada Escritura como em Bertoni. Ele vive verdadeiramente em uma relação constante com os Salmos, com os Evangelhos, com São Paulo, aliás, com todos os livros da Sagrada Escritura. No Epistolário aparecem continuamente textos da Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento; é a sua vida interior que depende dos textos, os quais o orientam e são norma de seu agir; ele se modela por eles, deles retira luz e a direção do próprio caminho*”²⁷.

Pe. Gaspar, em setembro de 1810, apresenta-se pela primeira vez aos clérigos e sacerdotes para pregar, por ordem do Bispo, um curso de Exercícios Espirituais. Ele se sente investido, com um seu companheiro, da autoridade de Cristo, e por isso deve ter exortado os presentes, como fará em seguida, a não confiar na sua própria prudência e doutrina, embora fossem muito experimentados nos caminhos do Senhor.

“*Portanto – dizia o Santo – vós nos deveis ver como um instrumento do Céu a vós mandado (porque a recebemos legitimamente a verdadeira missão) para dirigir-vos e conduzir-vos por este caminho que leva à vida* (ms 2188). (...) *Procurai esforçar-vos para obedecer perfeitamente às nossas exortações como a Cristo*” (ms 2189).

No primeiro ano de sacerdócio, estava em Illasi para alguns dias de descanso. Ao se preparar para uma pregação, apesar do pouco tempo e da escassez de livros, estava seguro, com muita satisfação que podia comentar a palavra da boa semente e da cizânia, não só com a ajuda de S. João Crisóstomo, S. Agostinho, S. Tomás, mas com as mesmas palavras de Jesus, que a havia explicado aos Apóstolos.

“*Vós podeis estar certo – conclui - de que me satisfaz sobremaneira o fato de não haver aqui nada de meu. Exorto-vos, portanto a aceitar generosamente minhas palavras em vosso coração como uma instrução, ou saída imediatamente da boca de Cristo, ou extraída dos Santos Padres e Doutores (...), que sabiamente interpretaram o Evangelho, os quais pude, em tão breve tempo, consultar e desenvolver*” (ms 1415).

²⁶ Ratzinger, o. c., p. 515.

²⁷ *Spiritualità di abbandono nel ven. Bertoni*, in *Magistero di Santi*, A.V.E. 1971, p. 13.

Quando deve convidar à confissão – coisa difícil – o pecador emudecido pela vergonha (21.03.1802), São Gaspar se apega à força da ‘palavra divina’ (“*confiado na eficácia da divina palavra, da qual agora sou ministro*”) (ms 615).

De um modo ainda mais solene ele diz:

“*Reconhecei quem é que vos fala. Reconhecei em mim um Ministro de Sua Divina Majestade, da qual sou indigno servo, e em cujo nome deixo-vos hoje (...) esta solene mensagem*” (ms 915).

Não apresenta, portanto, idéias discutíveis ou suas descobertas pessoais no condicional “*eu direi, me parece...*”.

Ao explicar, por exemplo, as ‘*Bem-aventuranças*’ não julga temerário deixar de seguir “*em tudo a doutrina dos santíssimos e claríssimos mestres, em particular e mais próximo, do Anjo das Escolas*” (ms 1269).

Ao comentar aos clérigos do seminário o primeiro livro dos Reis (hoje de Samuel) confessa ter seguido a interpretação dos Santos Padres “*para não falar nada de nosso*”. E continuava: “*Coisa que eu creio útil a vós, como também a mais cara. De nós, o que poderia vir de bom? E, além de tudo, vos desobriga de avaliar e de pesar as sentenças e as palavras, como deveríeis fazer se fossem minhas. Assim tereis o coração totalmente livre para alimentar-vos de uma doutrina toda celeste*” (ms 7342).

O Santo compreendeu a necessidade de desaparecer diante Daquela que o enviou como arauto e mensageiro.

Ao explicar o benefício das Missões define quem são os enviados, por quem e com que meios.

“*Que nos considerem como ministros de Cristo, como se Deus exortasse por meio de nós (1Cor 4,1). ‘Sacerdotes, que doam coisas sagradas’. Mediadores entre Deus e os homens.. Anjos que anunciam a verdade, a paz. ‘Os lábios dos sacerdotes devem guardar a ciência, e da sua boca se busca a instrução’ (Ml 2,27), enquanto o mundo vos seduz com erros*” (ms 4028).

“*Nós agimos como embaixadores de Cristo, como se Deus exortasse por meio de nós*” (2Cor 5,20). “*Ide, pregai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15)*” (ms 4929).

Os meios ou instrumentos com os quais os missionários trabalham são a espada e as chaves, “*administrando a divina Palavra*” (ms 4030) e “*administrando os sacramentos*” (ms 4042). “*Com a pregação se destrói o homem velho, imagem de Adão, e se forma o homem novo, imagem de Jesus Cristo. Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós (Gal 4,19)*” (ms 4030).

“*Posso pregar diferente do que Cristo pregou?*” (ms 4046), pergunta-se Pe. Gaspar quando deve defrontar-se com as verdades eternas. Ele é refém da grave obrigação de dizer toda a verdade, sem deletérias reticências.

Enquanto explicava o primeiro livro dos Reis (Samuel), tinha tido, muitas vezes, ocasião de falar dos novos pregadores que, na missão de revitalizar o ministério eclesiástico em nome da Igreja, teriam posto em ação um ideal, que era o mesmo que ele acalentava.

Expressamente ele acena a uma “*sociedade com presidência livre de tudo, obediência pronta em tudo, com uma vida escondida como foi a de Cristo antes de iniciar o os trabalhos*”

de pregação. E depois a coragem de padecer e ânimo disposto para sustentar perseguições, com a única esperança do fruto espiritual e não material”.

Ele, pois, se propunha a esperar o momento oportuno de “*recolher juntos e reunir a luz de muitos exemplos, para difundir em todo lugar a luz da pregação*” (ms 6590).

O ideal se concretizou durante a célebre Missão de S. Firmo em maio de 1816 ²⁸.

“*Nós sabemos – escrevem seus filhos nas Memórias – que, tendo ele vislumbrado o bem maravilhoso que as missões produzem no meio do povo para a reforma dos costumes, formou no seu coração o esboço daquela Congregação dos Missionários Apostólicos, que era chamado pelo Senhor a fundar*” ²⁹.

(continua...)

²⁸ *Summarium additonalé*, p. 131.

²⁹ *Memorie intorno ai Padri e Fratelli della Congregazione dei Missionari Apostolici in ossequio dei Vescovi (Stimmatini)*, Verona 1886, p. 21.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

NOVEMBRO 2006 - N° 195

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(continuação...)

4. Consagrador (parte I)

Os protestantes do século XVI se apoiaram nos primeiros cristãos que centralizavam a missão no serviço à Palavra de Deus. Pretenderam, porém, que esta pregação constituísse sacerdotes.

O Concílio de Trento respondeu aos ataques dos Reformadores protestantes com as suas decisões dogmáticas sobre o sacerdócio³⁰. E por isso definiu que “*existe um sacerdócio visível do Novo Testamento com particular poder espiritual de consagrar a Eucaristia e absolver sacramentalmente os pecados*”³¹.

Hoje a teologia e o ensinamento da Igreja unem os dois elementos: fala-se de apóstolo, cujo exercício culmina com o ministério sacramental. O mandato do sacerdócio cristão continua a missão de Jesus, que é a de ir ao encontro dos homens e mulheres, reunindo-os no homem novo Jesus Cristo, na Igreja de Deus, ao redor do único Banquete.

O sacerdote não é, pois, um servidor do culto, isto é, um simples “liturgo da oferta eucarística”. Na realidade, a liturgia cristã não é uma simples execução ritual, mas “*uma proclamação autorizada da morte e ressurreição do Senhor, proclamação de tal força que o próprio acontecimento torna-se presente*”³².

Conseqüentemente, o mistério eucarístico deve ser o centro da vida espiritual do sacerdote³³.

Assim foi para São Gaspar. Desde seu primeiro ano de sacerdócio o evangelizador se unia, nele, ao consagrador que revive o mistério central do Cristo enquanto celebra.

“Oh Deus! Daqui a pouco o bom Patrão, do qual vos falei até agora nesta parábola (boa semente e cizânia), vós o vereis descido do Céu com vossos olhos sobre este altar; e eu vo-lo mostrarei em minhas mãos. Pedi a Ele por mim; e eu pedirei por vós. A esta altura, sinto abraçar muito meu coração pelo desejo da vossa salvação. Que mais vos direi? Amai a Deus,

³⁰ Cf. *Doutrina do Sacramento da Ordem*, sessão XXIII de 29 de julho de 1563, DS 1764 ss.

³¹ *Cartas dos Bispos alemães sobre o “ofício sacerdotal”*, Queriniana 1970, p. 83.

³² Ratzinger, *o. c.*, p. 511.

³³ Cf. *Presbyterorum. Ordinis*, n. 18.

irmãos, amai a Deus. E a paz, que supera qualquer bem, guarde vossos corações e vossas mentes em Cristo Jesus” (ms 1483).

Com estas reflexões de 1801, podem ser comparadas as primeiras notas do Memorial privado:

“02 de julho de 1808. Festa do Sagrado Coração. Na Santa Missa, durante a Consagração e Comunhão e em toda ação de graças, muitas lágrimas de compunção e afeto; em particular, na Comunhão senti por um momento o espírito como que desligado de toda a criatura em obséquio ao seu Criador”.

“11 de julho de 1808. Depois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor e muita intimidade; um sentimento ainda de me oferecer para sofrer com Ele e por Ele alguma humilhação”.

“25 de setembro de 1808. (...) Acentuado impulso de seguir de perto a Nosso Senhor, a custo da própria vida, na pobreza e na ignomínia.

Missa muito recolhida e com sentimento de reverência (...)”.

O Santo nos apresenta aqui alguns trechos de certos dons de ordem mística, dos quais de vez em quando o Céu tende a agraciá-lo. A terna piedade de caráter cristocêntrico que se derrete em “*muitas lágrimas de compunção e de afeto*”, desapega seu espírito “*de toda criatura em obséquio ao seu Criador*”. Pe. Barsotti comenta que a experiência mística como a experimentada por Pe. Gaspar “*cria a atmosfera sagrada de reverência, de adoração*”³⁴.

O que se verificou no domingo, 09 de outubro de 1808, 31º aniversário de Pe. Gaspar, reflete o clímax dos dons divinos:

“Durante a Missa nas Secretas próximo do Memento, pareceu que meu espírito estava iluminado para ouvir quem falava com grande afeto e abertura de amor ao rezar. Depois, certos impulsos do coração para Deus e ímpetos do espírito em Deus, como de uma pessoa, que ao receber um grande amigo, há muito tempo ausente, ao vê-lo sente vontade de atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o Bem Supremo; mas, receando qualquer sentimento de vaidade, por estar em público, desci à consideração dos meus gravíssimos pecados; e aí pude conhecer melhor a bondade divina; o amor se desfez em lágrimas muito suaves que duraram até depois da Comunhão. Entretanto, a fé, a intimidade crescia muito mais, juntamente com a humildade e a reverência amorosa. Finalmente, na Comunhão, grandíssima devoção e sentimento semelhante ao da primeira Comunhão quando criança e que nunca mais havia tido posteriormente; o recolhimento durou também uma hora depois, e permaneceu toda a tarde”.

O aceno à primeira Comunhão dá a entender que desde menino Bertoni deve ter experimentado alguma coisa de excepcional, suscitando nele o desejo vivíssimo de contemplar ainda mais o objeto do seu amor, ficando como que enfraquecido por irremediável ferida. É o que exprime em um soneto posterior (ms 9972).

Nesta Missa, verifica-se o reencontro Daquele, que parecia ter-se escondido. Infelizmente o dom místico aconteceu durante uma das últimas Missas do domingo, freqüentada por muitos fiéis. Pe. Gaspar recorre ao pensamento dos pecados cometidos, que ele diz “*gravíssimos*”, e se sente envolvido por uma aura de ternura pelo amor misericordioso que

³⁴ O. c., p. 24.

o comove até as lágrimas. Os frutos são imediatos: *”A fé, a intimidade cresciam muito mais, juntamente com a humildade e a reverência amorosa”*; e também duradouro: *“o recolhimento durou também uma hora depois, e permaneceu por toda tarde”*. Aliás, prolongaram-se até o dia seguinte:

“10. Lágrimas durante a Missa, e recolhimento depois; silêncio”. Em outros dias: *“23. Durante a Missa muito recolhimento, e reverência. O recolhimento durou também depois, mesmo atendendo confissões”*. *“25. Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da divina presença, confiança, amor, desejo de transformar-me n’Ele: que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de união: mas retornou andando pela rua para afazeres de família, como quando estava na Igreja”*.

(continua - parte II)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

DEZEMBRO 2006 - N° 196

VIDA SACERDOTAL

Pe. Nello Dalle Vedove, css

(final)

4. Consagrador (parte II)

Ratzinger, no artigo citado anteriormente (*Padres para o Evangelho*) conclui: “A celebração eucarística é o anúncio oficial do mistério pascal da morte e ressurreição, por meio do qual a Igreja, introduzida na presença deste mistério, torna-se efetivamente ‘contemporânea’ dele ultrapassando toda nossa possibilidade. Segundo o Decreto (*Presbyt. ord.*, n. 5), marcado por uma linha singelamente neotestamentária, a celebração eucarística é, por isso, o ‘centro do ministério presbiteral’, uma vez que ela é o centro da evangelização, a real missão do Evangelho. A transfiguração pascal das coisas e do homem através da Palavra crucificada e ressuscitada, encontra o centro aqui: é partindo da presença real do Senhor nas espécies eucarísticas, que dever ser atuada a presença real nos homens; eles mesmos devem ser ‘corpo de Cristo’, sinal de glorificação e oferta sacrificial”³⁵.

É o que o Santo sente verificar-se em si, repetidamente:

“04 de dezembro de 1808. Durante a Missa vivo sentimento da presença de Jesus Cristo excitando muita intimidade, mas breve. O recolhimento, porém, durou também depois e a devoção todo o dia.

11 de dezembro. Sentimento muito vivo, reverencial e amoroso da presença do Pai ao ‘Te Igitur’ da Missa, e confiança viva e amorosa para com o Filho. Ainda, sentimento da dignidade sacerdotal na Consagração, representando a pessoa de Cristo diante do seu Pai. Maior ternura e humildade profunda ao ter o Cristo em minhas mãos, logo após a Consagração. Eis a suma Bondade unida à suma malícia, o mais puro ao mais imundo, o mais santo ao mais pecador. Este sentimento durou até depois da S. Comunhão. A compunção, até o fim do tarde.

25 de dezembro. Nas três Missas recolhimento e sentimento do grande benefício da ‘Vocação’ (...).

11 de janeiro de 1809. Na Missa durante a Consagração sentimento muito vivo da presença de Cristo como de um amigo que fala a um outro amigo: e também da presença do Pai: e sentindo de certo modo ainda a distinção destas pessoas divinas em uma só natureza.

³⁵ O. c., p. 518.

Grande reverência e amor: isso durou meia hora depois do recolhimento, não o sentimento que...”

Esta última nota permanece suspensa, mas isto não impede que não seja uma das mais importantes de todo o ‘Memorial’. Quanto à “*presença do Pai*”, “*sentindo de certo modo ainda a distinção destas pessoas divinas em uma só natureza*”, é uma graça altíssima que não é concedida senão no estado mais avançado de união com Deus. Poulain diz que isto se verifica no período extático³⁶ e S. Tereza, nas sétimas mansões³⁷.

À centralidade da Eucaristia na vida espiritual de Bertoni, corresponde nele uma exigência de consonância e de seqüela.

“01 de fevereiro de 1809. Freqüente memória da vida de Cristo com terno amor de correspondência.

Na Missa, durante a Consagração, sentimento da presença de Cristo muito vivo e afetuoso.

Disposição às ignomínias por Cristo.

26 de fevereiro. Devemos fazer em nós mesmos um retrato de Jesus Cristo.

27 de fevereiro. (...). Basta refletir e fazer que concorde o coração e as mãos com a língua que diz: Pai nosso, etc.

29 de fevereiro. Pedir a graça de seguí-Lo e de ter zelo pela sua glória e pela salvação das almas. Quem quer me servir, siga-me (Jo 12,16).

24 de julho. Missa em união com Jesus Cristo: o recolhimento durou até o almoço.

30 de julho. Na meditação da ida ao Jordão grande sentimento: que é preciso mostrar em nós mesmos ao Divino Pai uma imagem do seu Filho.

Na Missa cantada, na qual servi como Diácono, sentimento de reverência.

No Creio amor à Encarnação. Depois da consagração grande fé e espírito de oração. Recolhimento também depois”.

O primeiro biógrafo, querendo provar com vários textos de Bertoni sua firme vontade de padecer e seu constante amor à paciência e mansidão, diz que basta apenas aquele no qual afirma que “*é preciso mostrar em nós mesmos ao Divino Pai uma imagem de seu Divino Filho*”. “*Quem entende o que queira dizer tal expressão – comenta Pe. Giacobbe – que de fato ele se esforçou para torná-la verdadeira em cada ato da sua preciosa vida, conhecerá quanto dele se pode dizer de perfeito e divino desta sublime virtude, e entenderá ainda mais facilmente, porque chamasse ele sobre si os olhares e a veneração de todos os bons*”³⁸.

Pe. Gaspar, devotíssimo da Paixão, encontrava seu habitual refúgio aos pés da Cruz de Jesus, mas de modo especial na preparação de reviver a imolação d’Ele na S. Missa. E foi diante do Crucifixo que no fim de maio de 1812 ouviu as palavras: “*Contempla este meu coração!*” que o levaram ao êxtase. Foi como a sua transfiguração sobre o Tabor, que lhe infundiu força e coragem na iminência da sua imolação. De fato, só alguns meses depois, Pe. Gaspar seria atingido pela sua primeira doença mortal, da qual derivariam intermináveis incômodos, que transformariam sua existência em um lento, torturante martírio.

³⁶ *Dês Grâces d’Oraison*, Paris 1901, c. 18, n. 7, p. 239.

³⁷ *Opere*, Castello interiore, c. I, n. 6.

³⁸ *Summarium additionale*, p. 534.

Mas em Pe. Gaspar amadurecera aquele espírito de santo abandono que faria dele uma cópia fiel da vítima do Calvário, completamente entregue nas mãos do Pai.

fim do opúsculo de Pe. Nello Dalle Vedove



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JANEIRO 2007 - N° 197

Panegírico dos Esponsais de Maria Virgem com São José (1828)³⁹

por Pe. João Maria Marani

I

Deus se compraz em suas obras, vendo nelas o bem que Ele mesmo produziu. É justo que o ser humano, ao contemplá-las, admire-as, louve e honre o Criador.

Deus, por motivo especial tornou-se autor do matrimônio. Nele se compraz como criação maravilhosa e o promulgou como lei positiva. Constituiu-o sinal do excelso mistério de seu amor divino e de sua graça. Na nova lei elevou-o como meio e causa de graças. Diz o Apóstolo: “*Este mistério é grande; quero dizer com referência a Cristo e à Igreja*” (Ef 5,32).

Esta é a razão pela qual o matrimônio deve ser respeitado por todos, particularmente por aqueles que, por dom de Deus e vocação da Providência divina, o assumem como estado de vida: *digno conúbio em tudo...*

Para que os cônjuges o vivam dignamente não são suficientes os sentimentos do coração e expressões verbais. Exigem-se atos: *digno em tudo*. Os mais importantes atos são aqueles ligados aos deveres. Entre estes tem lugar primordial e elevado *a castidade conjugal*. Esta é o mais belo ornamento do estado matrimonial. O Apóstolo, chamando a atenção dos que ouvem seus ensinamentos e preceitos, ao nomear a castidade conjugal, acrescenta as palavras: “*leito conjugal imaculado*” (Hb 13,4).

A *pureza*, que honra o matrimônio, é admirada e louvada por toda a Igreja em Maria, sempre Virgem, e em São José, seu puríssimo esposo.

³⁹ Pe. Giuseppe Stofella organizou o texto e o publicou integralmente em “Collectanea Stigmatina”, vol I, fascículo III, páginas 366-376. Achou por bem subdividi-lo em números e apresentar o assunto de cada número com frases em itálico, introduzidas no texto. Às vezes reorganizou os períodos, tirando as inversões próprias da oratória do tempo, quase sem substituir palavras. O texto não é para leitura superficial e apressada. Merece reflexão.

A tradução para o português atém-se mais ao conteúdo do que ao estilo e às palavras.

II

Muitos matrimônios na Igreja de Cristo foram marcados pela prerrogativa da *virgindade*, observada fielmente pelos cônjuges. Tais foram os matrimônios de Pulquéria com Marciano Imperador, de Juliano com Basilissa, de Eduardo, rei da Inglaterra, com Edite, de Cecília com Valeriano, de Henrique, Imperador, com Cunegundes⁴⁰.

Todos estes casamentos são posteriores. É grande glória, nas virtudes, indicar aos outros o caminho nobre. O esponsalício de Maria com São José foi o primeiro, o único sem exemplo, a ser vivido na virgindade. Fez-se modelo. A Virgem Maria apareceu a alguns dos santos acima nomeados, convidando-os a seguir o seu exemplo.

III

Maria e José foram *eminentes* na observância desta virtude, não somente pela integridade corporal, mas particularmente pela *santidade de vida*. Neste aspecto Maria é inigualável entre os anjos, e José entre os homens.

O matrimônio dos Santos Esposos, iluminado por luz fulgurante, é o mais digno de louvor dentre todos os outros. Pode ser comparado à diferença que existe entre o sol, que enche a terra com seu resplendor, e as estrelas menores, que só brilham pela ausência do astro maior na silenciosa escuridão da noite.

IV

Observe-se que todos os matrimônios marcados pela virgindade *perdem* seu valor essencial, que é a *fecundidade*, embora compensado por um bem excelente e quase sobre-humano. Perdem o bem que constitui a *finalidade do matrimônio* e a *finalidade do sacramento*: gerar filhos que conservem a Igreja sobre a face da terra; levar os pais cristãos a batizar os filhos e educá-los na religião, preparando-os para a felicidade eterna.

O Apóstolo enalteceu este grande mérito dos cônjuges cristãos, afirmando: “*a mulher se salvará pela geração de filhos*” (1Tm 2,15).

Na verdade, falta tudo quando o matrimônio conserva a flor da virgindade.

Não é o caso dos Santos Esposos, Maria e José. Neles toda a honra da *virgindade* não tira o valor e o mérito da *fecundidade*. Neles, a virgindade *não impede* a fecundidade e é *condição* imprescindível para que o matrimônio produza fruto. Convinha que a Virgem, ao dar a luz, fosse casada, de modo que o matrimônio não prejudicasse a excelência da virgindade, sendo-lhe de ajuda e defesa, e a virgindade não sofresse detrimento para o bem do matrimônio.

Referi-me a muitos mistérios com poucas palavras. Embora não possamos compreendê-los totalmente, convém desenvolvê-los um pouco mais para melhor conhecê-los.

⁴⁰ Cf. A Lapide, *Comentários em Mateus*, 1,18.

V

Vejamos, primeiramente, como *a virgindade é condição da fecundidade*.

A autoridade divina aparece nas palavras do profeta Isaías: “*eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho*” (Is 7,14). O Filho de Deus deveria vestir-se de carne humana no seio puríssimo de uma virgem: *a virgem conceberá*. Sem lesar a virgindade da Mãe, que o havia concebido, deveria nascer no mundo Aquele que o redimiria: *eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho*.

No princípio a terra, criada por Deus, produziu pela primeira vez o trigo, sem, antes ter sido nela lançada a semente, sem ter sido cultivada pela mão do agricultor, aquecida pelos raios do sol, banhada pela chuva. Só a mão do Todo-poderoso agiu. Da mesma forma, a onipotência do Altíssimo pôde, sem auxílio humano, fazer germinar do ventre casto de Maria, sempre Virgem, o Fruto que traria a salvação para toda a humanidade.

Convinha que assim fosse. Se a geração eterna do Verbo na mente do Pai é incompreensível (*quem poderá descrever sua geração?*- Is 53,8), a geração temporal deveria ser totalmente diferente, estupenda, miraculosa, para que fosse digna de Deus: *eis que a virgem conceberá*. *Eis*: como se o profeta convidasse todas as nações do passado e do futuro, judeus e gentios, para contemplar o insólito e inaudito prodígio; o prodígio de redimir o mundo, criado pelo próprio Deus, agora perdido e arruinado pela culpa original: *eis que a virgem conceberá e dará à luz*.

Para purificar a natureza corrompida e restaurar a dignidade perdida, Deus, honrando a humanidade, tomou a forma carnal. Como fizera o homem participar de sua natureza divina, seria honra para a humilde e reverente serva, dar emprestado como berço e templo seu corpo casto Àquele que vinha para salvar todos os homens. À sua Mãe, eleita primogênita dentre todas as criaturas, comunicaria com liberalidade e grandiosidade as primícias da graça e a abundância dos dons divinos.

No céu nascera de um Pai virgem. Na terra nasceria de Mãe virgem. Convinha, portanto que o Mediador entre Deus e os homens, o Sacerdote eterno, nascido entre os homens, tivesse Mãe sem pai, como tivera, gerado no esplendor dos santos, Pai sem mãe.

VI

Por tais razões, a Mãe de Cristo deveria ser *Virgem*. Vejamos agora como esta Virgem *devia ser também casada*. Como a *virgindade* não impedia a *fecundidade* deste Matrimônio - e dava-lhe um valor eminente -, assim este Matrimônio, pela honra da Virgindade, ofereceria à Virgem e ao Fruto Divino de seu casto seio cuidados afetuosos, reverenciais e fidedignos.

Certamente se a Virgem Mãe de Cristo não fosse casada, seria tida como Mãe dissoluta e culpável; o Filho seria visto como espúrio e ilegítimo.

Quanto ao primeiro (ponto de acusação), a Virgem seria submetida, pela própria Lei, à infâmia e à morte. Também não convinha que a Sabedoria Encarnada permitisse a perda da honra Àquela, que lhe dera a vida humana. Por isso Cristo julgou melhor deixar ocultos, por algum tempo sua concepção sobrenatural e seu nascimento prodigioso. Seria preferível ser considerado concebido e nascido como os demais seres humanos, a ver a Mãe difamada como adúltera e infiel.

Quanto ao segundo, se Cristo tivesse aparecido em público com origem maculada por tal infâmia, como poderiam ser aceita a sua doutrina e seguidos seus preceitos?

Era, pois necessário que o mistério da Virgindade da Mãe ficasse, *por um tempo*, escondido sob o véu de legítimo Matrimônio para que a pessoa do Mestre não fosse escarnejada e fosse aceita sua doutrina celeste. Desta maneira, o mundo poderia crer no que Ele dizia: ser Filho de Deus vindo para salvar a humanidade. Conseqüentemente, seria apresentado, de modo totalmente conveniente e digno de Deus, um nascimento diferente do restante das criaturas, estando aberto o caminho para se crer no que os Profetas anunciaram: ser Ele concebido de uma Virgem, como verdadeiro Messias.

(*continua*)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

F E V E R E I R O 2 0 0 7 - N ° 1 9 8

Panegírico dos Esponsais de Maria, Virgem, com São José

(continuação)

VII

Nestas circunstâncias, se aparecessem *testemunhas do mistério*, legítimos e dignos de fé, não haveria dificuldades para se acreditar no maravilhoso prodígio. Maria e José são *as testemunhas*. Por isso deveriam estar unidos em matrimônio, para que o seu testemunho não pudesse, de modo algum, ser considerado ilegítimo, ou colocado em dúvida como suspeito.

Primeiramente *a mãe* atesta ser virgem: seu testemunho é totalmente confiável. Declara-se que é casada: o matrimônio como tal exclui qualquer indução à mentira. De fato, não eram capazes de fraude os lábios e o coração daquela em que por nove meses permaneceu o Autor da Graça e da Verdade. Poder-se-ia suspeitar de tamanha mentira se a Virgem escondesse o fato de ser mãe, sem estar casada.

O matrimônio legitima o parto. Maria não é desonrada, nem desprezada. Bendita e gloriosa torna-se uma senhora fecunda, excluindo-se a suspeita de haver mentido.

Para corroborar o testemunho da mãe, de valor considerável, e torná-lo completo e perfeito há, por outro lado, *o testemunho do esposo*, que poderia sentir-se injuriado e recorrer ao tribunal por ultraje. Não o fez. Portanto, reconheceu o mistério. E com tal atitude ele apresenta ao mundo um cristalino, autêntico e solene testemunho.

Para que ninguém jamais pudesse suspeitar dele - como dissimulador do delito ou por estar de acordo com a dissimulação -, o próprio Espírito Santo cuidou de varrer qualquer opinião maldosa, afirmando ser ele homem ornado de todas as virtudes, chamando-o de “justo”: “*José que era homem justo*” (Mt 1,19). Não quis, por isso, avisá-lo anteriormente sobre o excelso Mistério da Encarnação para que realmente sentisse temor ao descobrir a gravidez de sua casta Esposa. Não poderia, certamente, duvidar da sua pureza, nem da sua fé. Todavia, pressentia, de algum modo, o que as profecias preanunciavam, e julgava-a digna de tão grande graça. Notara a santidade de sua Virgem Esposa. Por isso, acusá-la-ia nos tribunais, como teria sido seu dever, se a julgasse culpada. Por outro lado, acreditou que era indigno de permanecer com Aquela que duvidara tivesse sido eleita para ser a mãe do esperado Messias. Resolveu, pois, abandoná-la ocultamente.

A incredulidade de Tomé e o temor de José foram permitidos por Deus, e premeditados pela insondável sabedoria divina, com a finalidade de dar força à nossa fé. Por um lado, a dúvida do Apóstolo tornou-se argumento incontestável da Ressurreição de Cristo, tendo ele

sido convidado a tocar o corpo e as feridas do Ressuscitado. A silenciosa decisão de José serve como memorável testemunho da virginal Conceição e do parto milagroso, através do qual a Virgem, sua Esposa, deveria tornar-se a Mãe de Deus. José voltou atrás na resolução tomada, ao acatar as palavras do Anjo que lhe revelava com clareza o grande Mistério e ordenava-lhe que permanecesse com sua Esposa, como se, por obra do Espírito Santo, o Verbo de Deus, o Salvador do mundo tivesse recebido dele a carne humana (cf. Mt 1,20-23).

VIII

Resta finalmente desenvolver e esclarecer um pouco melhor o que acima acenamos rapidamente sobre *o bem do matrimônio* de Maria e José: *a prole*. Esta, embora não provenha diretamente deste matrimônio, tem sua origem por causa do matrimônio; neste caso a prole pode ser chamada de bem do matrimônio.

O bem deste matrimônio obtido pela virgindade, além de igualar o bem e os frutos dos demais matrimônios, os supera enormemente. Com esta prole, obtém-se o fim comum dos outros matrimônios, que é conservar e propagar a Igreja, aumentando seus membros. Além disso, e de maneira mais excelsa, com esta prole, a Igreja Nova e Antiga encontra a sua subsistência. Por essa razão, todos os frutos dos outros matrimônios puderam realizar seu fim último, ou seja, depois de ter formado a verdadeira Igreja militante de Deus neste mundo, constituir a Igreja triunfante e gloriosa no céu.

De fato, a prole deste matrimônio não é um membro da Igreja: é a Cabeça de todos os fiéis e de todos os predestinados; é o Autor, o Fundador e o Realizador de nossa fé; é a Pedra Angular, que une e sustenta a Igreja Antiga e a Nova e forma um único edifício: “*fez de dois povos um só*” (Ef 2,14). Este edifício fundado em Cristo, pedra sólida, recebe dele firmeza e sustentação. Este Corpo, de que Cristo é a Cabeça, recebe dele todo o espírito, o vigor, a vida, o crescimento e a perfeição.

IX

Mas porque estamos aqui estendendo-nos sobre este argumento? Não bastaria dizer que a prole de todos os outros matrimônios é aquela que se deve esperar dos seres humanos que estão, estiveram, ou deverão estar sobre a terra, que é a prole humana? Não seria suficiente afirmar que a prole do matrimônio dos dois puríssimos Esposos é a que todo o mundo deve esperar de uma Virgem, isto é a prole divina? Será que este Filho não será melhor que cem mil filhos?

O que podem sentir todos os que estão, estiveram ou estarão sobre a terra diante do Filho de Deus e de Maria?

O que eu disse até agora? Todos os seres humanos, visíveis e invisíveis, na terra e debaixo do céu, criados pela Divina Providência para ostentar a sua grandeza e demonstrar magnificamente sua perfeição, são como se não existissem diante do Verbo. Este existiu antes de todos os séculos e criaturas, gerado no seio de Deus. Ele era Deus como o Pai de quem teve origem. Ele encarnou-se no seio da Virgem, e por ela foi concebido e dela nasceu. Ele pode ser verdadeiramente chamado sua prole, verdadeiro filho de Maria, como era Filho de Deus. Daí, a Virgem Mãe deve ser chamada *a Bendita entre as todas as mulheres*.

Ela compreendeu perfeitamente a glória que ornou sua virgindade. A virgindade, por sua própria natureza, em sua admirável beleza, leva à esterilidade nas demais mulheres. Só em Maria foi fecunda, por milagre, fecunda por causa de um fruto, que, comunicando à Mãe a honra a ela devida, torna-a objeto de admiração e de louvores eternos por parte de todos os homens e de todos os Anjos: “*bendito é o fruto do teu ventre*” (Lc 1,42). E a Virgem exclamou: “*por isso todas as gerações me chamarão bem-aventurada; porque realizou em mim maravilhas o todo poderoso*” (Lc 1,43-49).

Eis a glória singular da Virgindade de Maria. E esta glória, admirável, estupenda, se concretiza nas suas castas núpcias.

X

Virgem Santíssima, com o puríssimo José, vosso digno esposo, cumulastes de maravilhoso esplendor e castidade prodigiosa o vosso matrimônio. Peço-vos que impetreis, para todos nós, do vosso Filho Jesus, fruto precioso de vosso seio imaculado, a pureza correspondente à condição de filhos vossos e irmãos de Cristo, assim tornados em virtude da recomendação que Ele vos fez ao pé da Cruz e em virtude da adoção divina que Ele conquistou com o preço do seu Sangue.

Como no vosso celestial Esponsalício, propusestes nobre modelo de castidade a todos os cônjuges cristãos, derramai sobre eles, como divina medianeira das graças do vosso Filho, o copioso dom da castidade matrimonial que tanto os honra e distingue.

Fonte:

COLLECTANEA STIMATINA, volume primeiro, fascículo terceiro páginas 366 a 376.